

Especulações sobre o amor

Janete Luiz Dócolas, Psicanalista

O amor é um mistério que há muito tempo, talvez desde que fora percebido, os homens vem tentando compreender, descrever ou ao menos achar um jeito de dizer algo sobre esse ‘algo tão indizível’. Na mitologia, filosofia, literatura, poesia e psicanálise, podemos encontrar belas e importantes contribuições sobre esse tema.

São muitas as verdades sobre o amor e nenhuma delas pode dizer o que ele essencialmente é. ‘Cada poeta e cada romancista tem uma visão própria do amor, alguns até tem várias’. (Octávio Paz) E nós sempre elegemos uma ou outra descrição, tendo em vista o que nos parece mais desejável .

Edgar Morin, nos oferece uma imagem que me parece bem interessante : o amor é algo único, como uma tapeçaria que é tecida com fios extremamente diversos, de origens diferentes. É o ápice da união entre loucura e sabedoria, que não apenas são inseparáveis no amor, mas que nele se interpenetram mutuamente. Ele contém esta contradição fundamental. Assim como a poesia, o amor contém a união do mito e da razão. Isso me faz lembrar Shakespeare, em Sonhos de uma noite de verão: “Os amantes e os loucos são de cérebro tão quente, neles a fantasia é tão criadora, que enxergam o que o frio entendimento jamais pode entender...”

Ao escutar certa vez, uma definição de amor, como investimento de libido, achei isso muito sem graça, pouco poético, mas encontrei no próprio Freud o enlace: “...a libido das nossas

pulsões sexuais coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos, que mantêm a coesão de tudo o que vive.”

Eros, então, para a psicanálise, é figura metafórica das pulsões de vida e circula em nós com o objetivo de defender e cumprir a vida, opondo-se aos efeitos devastadores das pulsões de morte. Eros também nos lembra, incessantemente, que não temos só ‘fome de comida’, temos também, e como temos, ‘fome de amor’.

Em Pulsões e seus destinos, Freud escreve que o amor “...é a relação do ego com suas fontes de prazer.” Essas fontes de prazer do ego podem estar no próprio corpo, em si mesmo ou no objeto. O amor objetal seria o amor por excelência – possui diferentes matizes, classes ou formas – e a capacidade para que o amor ocorra vai se desenvolvendo junto com o ego, de uma forma muito complexa. O narcisismo é um fio especial nessa trama que é o amor. Amor que é uma criação humana, tanto no sentido de que o homem o criou como no sentido de que ele cria o homem. Amor que não pode ser comandado, pois que é ele que comanda.

O amor correspondido é fonte de felicidade e incrementa a auto-estima, já que um é para o outro o investimento privilegiado e cada um é para o outro fonte de prazer. Mas o amor é também fonte de sofrimento.

“Nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada ou o amor do ser que amamos”, nos diz Freud em seu texto O mal estar na cultura. Eis o paradoxo: o amor, condição constitutiva da natureza humana e potente fonte de alegria é também a premissa de nossos sofrimentos.

Quanto mais se ama mais se é feliz, mas quanto mais se ama, mais se sofre, por medo de perder o objeto do nosso amor ou o seu amor. Então, quem não quiser sofrer, que não ame, no entanto isso não o impedirá de sofrer.

Um egoísmo forte, como nos afirmou Freud em Introdução ao Narcisismo, constitui uma proteção contra o adoecer, mas num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.

Realizando o enlace do desejo erótico e da ternura, o amor do enamoramento opõe-se ao simples desejo sensual. O amor sensual está destinado a extinguir-se na satisfação. Para poder durar tem que estar associado a componentes ternos, isto é, inibidos em seus fins, ou experimentar em dado momento, uma transposição desse gênero.

Se o amor entrelaça-se ao desejo e o desejo é uma tensão desprazerosa vista em movimento, orientada para um alvo ideal – o de chegar ao prazer absoluto, nossos desejos nunca chegam a satisfazer-se totalmente. Se a insatisfação é viva, mas suportável, o desejo continua vivo, mas se ela é demasiado transbordante, desmedida, o desejo perde seu eixo e a dor aparece.

Um papel desconcertante esse, do objeto do nosso amor. Ele excita nosso desejo, mas só o satisfaz parcialmente. Assim ele garante essa insatisfação, que é necessária para viver e re-centra o desejo. Talvez assim possamos entender melhor a idéia de amor como falta, de que nos fala Platão.

Essa falta que é inerente ao amor, refere-se à impossibilidade da satisfação total do desejo, marca registrada da pulsão e não a falta pela perda do objeto de amor. A perda, ou seja, a ruptura de um laço amoroso provoca um choque semelhante ou pior ao

induzido por uma agressão física. Um enlouquecimento das tensões psíquicas. Caos. Dor.

Bem, mas se todo amor implica uma falta, parece que um amor em especial, fala ainda mais dessa falta : o amor de transferência. Um amor fadado a não ser correspondido, pelo menos correspondido do jeito que ‘pede’. Um amor que chega para dar conta de outras histórias de amor. Um amor que as vezes se transforma em empecilho no tratamento mas que também e principalmente, o alavanca, o possibilita e ao possibilitá-lo, inaugura ou resgata a capacidade de amar e produzir. Digamos que esse amor abre caminho para que Eros , enquanto força de vida, de alguma forma, coloque mais vida na vida.

Mas voltando a falar de uma forma mais poética, no amor entrelaçam-se predestinação e escolha. Poderes objetivos e subjetivos. Como tão bem diz Octávio Paz: “O amor é um nó no qual se amarram, indissolúvelmente, destino e liberdade.” A fatalidade se manifesta só com e por meio da cumplicidade de nossa liberdade.

O elo entre liberdade e destino é o eixo em torno do qual giram todos os apaixonados da história. Um mistério, um sentimento estranho que é ao mesmo tempo atração involuntária em relação a uma pessoa e voluntária aceitação dessa atração.

Composto de vários contrários o amor é uma constante transmutação de elementos: a liberdade escolhe a servidão, a fatalidade se transforma em escolha voluntária, a alma é corpo e o corpo é alma. Quanto a união corpo e alma no amor. O amante ama o corpo como se fosse a alma e a alma como se fosse o corpo.

Em Fragmentos de um discurso amoroso, de Roland Barthes, encontramos a canção ao gosto romântico de Diderot, um poema

que nos faz refletir sobre essa questão: “inclina teus lábios sobre mim / e que ao sair de minha boca / minha alma repasse em ti.”
Será então num beijo que a alma muda de casa, como poetizou Mario Quintana ao definir o amor ?

Janete Luiz Dócolas, Psicanalista